



Adriana Flávia Neu
Lidiane J. de Souza Costa Marchesan
(Organizadoras)



**CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE
PROFISSIONAL DOCENTE**
FORMAÇÃO, SABERES E EXPERIÊNCIAS



2020

Adriana Flávia Neu
Lidiene J. de Souza Costa Marchesan
(Organizadoras)

**CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE
PROFISSIONAL DOCENTE**
FORMAÇÃO, SABERES E EXPERIÊNCIAS



Pantanal Editora

2020

Copyright© Pantanal Editora
Copyright do Texto© 2020 Os Autores
Copyright da Edição© 2020 Pantanal Editora
Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo
Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera
Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora
Edição de Arte: A editora
Revisão: Os autor(es), organizador(es) e a editora

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – OAB/PB
- Profa. Msc. Adriana Flávia Neu – Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã
- Profa. Dra. Albys Ferrer Dubois – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – IF SUDESTE MG
- Profa. Msc. Aris Verdecia Peña – Facultad de Medicina (Cuba)
- Profa. Arisleidis Chapman Verdecia – ISCM (Cuba)
- Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo - UEA
- Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu – UNEMAT
- Prof. Dr. Carlos Nick – UFV
- Prof. Dr. Claudio Silveira Maia – AJES
- Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – UFGD
- Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva – UEMS
- Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos – IFPA
- Prof. Msc. David Chacon Alvarez – UNICENTRO
- Prof. Dr. Denis Silva Nogueira – IFMT
- Profa. Dra. Denise Silva Nogueira – UFMG
- Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão – URCA
- Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves – ISEPAM-FAETEC
- Prof. Dr. Fábio Steiner – UEMS
- Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez (Colômbia)
- Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles – UNAM (Peru)
- Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira – IFRR
- Prof. Msc. Javier Revilla Armesto – UCG (México)
- Prof. Msc. João Camilo Sevilla – Mun. Rio de Janeiro
- Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales – UNMSM (Peru)
- Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski – UFMT
- Prof. Msc. Lucas R. Oliveira – Mun. de Chap. do Sul
- Prof. Dr. Leandro Argente-Martínez – ITSON (México)
- Profa. Msc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan – Consultório em Santa Maria
- Prof. Msc. Marcos Pisarski Júnior – UEG
- Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla – UNAM (Peru)
- Profa. Msc. Mary Jose Almeida Pereira – SEDUC/PA
- Profa. Msc. Nila Luciana Vilhena Madureira – IFPA
- Profa. Msc. Queila Pahim da Silva – IFB
- Prof. Dr. Rafael Chapman Auty – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke – UFMS
- Prof. Dr. Raphael Reis da Silva – UFPI
- Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo – UEMA
- Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca – UFPI

- Prof. Msc. Wesclen Vilar Nogueira – FURG
- Profa. Dra. Yilan Fung Boix – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – UFT

Conselho Técnico Científico

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Esp. Tayronne de Almeida Rodrigues
- Esp. Camila Alves Pereira
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C756	Construção da identidade profissional docente [recurso eletrônico] : formação, saberes e experiências / Organizadoras Adriana Flávia Neu, Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2020. 110p. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-65-991208-9-3 DOI https://doi.org/10.46420/9786599120893 1. Aprendizagem. 2. Professores – Identidade profissional. 3. Educação – Pesquisa – Brasil. I. Neu, Adriana Flávia. II. Marchesan, Lidiene Jaqueline de Souza Costa CDD 370.71
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

O conteúdo dos livros e capítulos, seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do(s) autor (es). O download da obra é permitido e o compartilhamento desde que sejam citadas as referências dos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

APRESENTAÇÃO

A docência como profissão é objeto de pesquisa, observação e reflexão nas diferentes esferas Educacionais. Seja, na Pesquisa, Ensino, Extensão ou Gestão, a profissão docente sempre despertou o desejo para investigação.

O exercício da profissão docente impõe desafios no processo ensino-aprendizagem, em metodologias adequadas e na utilização dos recursos que serão utilizados para a apresentação dos conteúdos ministrados. Nesse processo, ainda leva-se em conta a criatividade, as habilidades e competências desse profissional. A profissão do docente está em constante avaliação assim como sua prática, em contrapartida ele (a) também tem a criticidade de como está a Educação, os investimentos, as inovações e os retrocessos que podem ainda serem vistos em determinados contextos.

A amplitude e riqueza proporcionada à formação docente permite que sonhos sejam construídos e em uma Educação ressignificada. Dessa forma, entende-se que em um contexto permeado de peculiaridades, a partir de experiência e a subjetividade de cada profissional com vivências, realizações, frustrações e idealizações são constructos que viabilizam compartilhamentos com os diferentes enfoques trazidos a partir da escrita de cada um dos artigos que compuseram a materialização desse e-book: “Construção da identidade profissional docente: formação, saberes experiências”.

É com muita alegria que estamos apresentando o volume 1/2020 do e-book e nele, nossos leitores encontrarão temas que permitirão levá-los à reflexão.

O primeiro capítulo nos brinda com a leitura sobre: **A identidade profissional docente e seu papel político pedagógico na sociedade do conhecimento**, dos autores Marcia Isabel Gentil Diniz e Leandro Alcasar Rodrigues. Traz uma discussão sobre a formação e (de) formação docente, a importância da práxis no cotidiano. A leitura nos convida a refletir sobre a qualidade despendida na/para a educação, assim como a necessidade de reconhecer as dimensões do processo educativo para além das estratégias de ensino, conduzindo à pensar-se sobre o velho e o novo na ensinagem, uma vez que, a sociedade está em constante transformação.

O segundo capítulo - **Construção da identidade profissional docente: caminhos e percalços**, das autoras Camila Pereira Burchard; Amanda Machado Teixeira; Laura Mendes Rodrigues Fumagalli; Renata Godinho Soares, Veronica de Carvalho Vargas e Jaqueline Copetti, - apresenta uma síntese sobre a problemática da identidade profissional docente, sobre os caminhos e percalços ao longo da vida pessoal e profissional que contribuem para esta construção, configurando-se como um processo dinâmico e inacabado.

O terceiro capítulo - **Formação e atuação docente: reflexões sobre os saberes docentes mobilizados no século XXI**, das autoras Adriana Flávia Neu e Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan, - traz em sua proposta a reflexão sobre a profissionalização do ensino, e tem como objetivo identificar os principais elementos apontados por professores como integrantes dos saberes docentes mobilizados durante sua atuação na profissão.

O quarto capítulo - **A Ginástica para todos e sua ressignificação na Educação Física escolar: uma proposta aplicada como unidade didática**, dos autores Maloá de Fátima Francisco; Rubens Venditti Júnior; Yara Aparecida Couto e Osmar Moreira de Souza Júnior, - tem a intencionalidade de refletir sobre a ressignificação da “Ginástica para Todos” (GPT) no âmbito escolar, analisando o seu significado nas aulas Educação Física e delineando as suas possibilidades de desenvolvimento enquanto conteúdo curricular.

O quinto capítulo - **Formação docente: um estudo nas licenciaturas do Instituto Federal do Piauí – Campus Teresina Central**, das autoras Vanessa Cardoso Pereira; Marlúcia da Silva Bezerra Lacerda; Teresinha Vilani Vasconcelos de Lima e Yara Sylvyva Albuquerque Silva, - versa para o objetivo de identificar e compreender os fatores determinantes, assim como as causas, que influenciam para o desestímulo resultante na evasão acadêmica.

O sexto capítulo - **Construção de um laboratório virtual de química através do Google Tour Creator como ferramenta de estímulo à aprendizagem ativa**, dos autores Tiago Saidelles; Nathalie Assunção Minuz; Cláudia Smaniotto Barin e Leila Maria Araujo Santos, - tem por objetivo descrever a criação de uma Laboratório Virtual de Química, desenvolvido em caráter experimental para a disciplina QMC 1032 e discute a importância dessa criação como possibilidade de ferramenta potencializadora.

O sétimo capítulo - **Monitoria no ensino da Geografia: relato de experiência existencialista no curso de Pedagogia**, dos autores Everton Nery Carneiro e Maria Regiane Vieira de Jesus, - se propõe a descrever as contribuições da monitoria no ensino da geografia a partir da perspectiva existencialista no curso de Pedagogia, a fim de compartilhar o conhecimento e fomentar discussões a respeito dessa temática.

Fechando esse número do e-book, o oitavo capítulo - **As tecnologias como ferramentas na prática pedagógica do professor universitário**, da autora Mirian Zuqueto Farias, - trata da importância dos diversos recursos tecnológicos no ensino, para a formação do professor sob a ótica do seu papel na renovação da prática pedagógica e da transformação do aluno como sujeito ativo na construção do conhecimento.

Esperamos que nossos leitores tenham uma leitura prazerosa. Reiteramos o convite para que sejam submetidos textos à Editora Pantanal, para o volume II deste título: “Construção da identidade profissional docente: formação, saberes experiências”.

Adriana Flávia Neu
Lidiane J. de Souza Costa Marchesan


SUMÁRIO

Apresentação	5
Capítulo I	7
A identidade profissional docente e seu papel político pedagógico na sociedade do conhecimento	7
Capítulo II	17
Construção da identidade profissional docente: caminhos e percalços	17
Capítulo III	29
Formação e atuação docente: reflexões sobre os saberes docentes mobilizados no século XXI ..	29
Capítulo IV	43
A Ginástica Para Todos e sua ressignificação na educação física escolar: uma proposta aplicada como unidade didática.....	43
Capítulo V	56
Formação docente: um estudo nas licenciaturas do Instituto Federal do Piauí – Campus Teresina Central	56
Capítulo VI	70
Construção de um laboratório virtual de química através do Google Tour Creator como ferramenta de estímulo à aprendizagem ativa.....	70
Capítulo VII	82
Monitoria no ensino da geografia: relato de experiência existencialista no curso de pedagogia	82
Capítulo VIII	97
As tecnologias como ferramentas na prática pedagógica do professor universitário	97
Índice Remissivo	112


A identidade profissional docente e seu papel político pedagógico na sociedade do conhecimento

Recebido em: 15/07/2020

Aceito em: 18/07/2020

 10.46420/9786599120893cap1

Marcia Isabel Gentil Diniz^{1*} 

Leandro Alcasar Rodrigues² 

INTRODUÇÃO

É inegável que uma adequada profissionalização em qualquer área do conhecimento se constitui em uma ferramenta indispensável para melhoria da qualidade de qualquer processo de trabalho. Desta forma, num mundo que se apresenta cada vez mais competitivo e globalizado, a qualidade da capacitação de educadores está intrinsecamente conectada a aquisição de conhecimentos diversos somados ao aparecimento de novas tecnologias a serem inseridas em seu contexto profissional.

A formação docente e seus fundamentos estão alicerçados e sedimentados no tripé: estudos, preparação e vivência. Uma vez que as mudanças podem ser observadas ao longo dos anos assim como outras profissões. Tais mudanças trazem como consequência a ampliação de suas habilidades.

Portanto, o sucesso profissional depende do investimento que é feito na carreira. Dessa forma, a inovação, o conhecimento, as habilidades e competências são os dispositivos potencializadores de uma boa formação. Esses investimentos refletirão no desenvolvimento humano nas diferentes áreas, como a pessoal, profissional e ainda contribuir para a compreensão das emoções e no entendimento da inteligência emocional com toda a sua amplitude.

Não obstante, essas reflexões em relação à identidade docente a partir de um contexto social multifacetado ressaltam que na atualidade o docente vivencia inquietações e perplexidades em seu cotidiano, o que reforça a necessidade de apostar em suas potencialidades para gerir com bom desempenho os enfrentamentos cotidianos.

Considerando-se a relevância social do profissional de educação é indiscutível que:

“É um profissional do humano que ajuda o desenvolvimento pessoal e intersubjetivo do aluno, sendo um facilitador de seu acesso ao conhecimento; é um ser de cultura que domina sua área de especialidade científica e pedagógico-educacional e seus aportes para compreender o mundo; um analista crítico da sociedade, que nela intervém com sua atividade profissional; um membro de uma comunidade científica, que produz conhecimento sobre sua área e sobre a sociedade” (Pimenta; Lima, 2012).

¹ Universidade Federal Fluminense/EEAAC/MEP, Rua Dr. Celestino 74 - Centro, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil;

² Faculdade São Luís, Av. Mal. Deodoro, 689 - Centro, Jaboticabal, São Paulo, Brasil;

* Autor de correspondência: marciagentil@uol.com.br

Cumpre-se evidenciar que na realidade docente, apesar de terem historicamente o seu lugar sedimentado no processo ensino-aprendizagem, costumam cotidianamente receber severas críticas imputadas a sua práxis, o que acarreta uma constante e crescente desvalorização de sua identidade gerando uma contínua tensão identitária.

Este panorama leva os educadores a constantes reflexões quanto ao seu exercício ético quando se propõem repensar suas responsabilidades e compromissos face às diversificadas e crescentes demandas, oriundas de uma nova sociedade denominada Sociedade do conhecimento onde uma relação diferenciada com o saber foi inaugurada.

Não bastam os avanços tecnológicos e seus acessos, faz-se necessário a apropriação de novos conceitos. Estes se impõem como estilo de vida e estão nas falas e no imaginário social. Termos como interação, construção coletiva de conhecimentos e compartilhamentos. A problematização como consequência que vai se impondo para uma ordem estabelecida, gerando uma relevância social nunca antes imaginada.

Nesse sentido, tanto educadores como educandos e, por que não dizer, toda sociedade vem se sentindo perplexa e suscetível diante da velocidade com que os conhecimentos vêm se apresentando hoje na Sociedade do conhecimento.

Na construção da identidade docente é preciso compreender que esta se encontra em permanente mutação e os professores já se distanciaram da posição que era comum no passado em seu exercício laboral, mas que hoje já quase não se identificam: como aqueles que são os detentores e transmissores de conhecimento na Educação.

Assim sendo, sua práxis carece de um repensar cotidiano coletivo da classe, pois a sociedade que encontra-se em conflito costuma imputar um perfil inabalável para esse profissional e como consequência tenta impor aos docentes, ainda que subjetivamente, em situações que fogem do instituído, a necessidade de uma perpetuação da neutralidade que, segundo a maioria, nunca existiu no ato educativo. Isto, ainda que numa perspectiva da educação tradicional, traz à tona mecanismos de opressão e alienação preservando o desconforto presente nas relações de ensino aprendizagem no cotidiano escolar.

Acrescido a este cenário aqui descrito surge a necessidade de se pontuar que os processos e a governança do sistema educacional, exatamente como da instituição, determinam o ofício de ensinar, portanto, é a partir dessas ações que a identidade do professor evidencia o início do seu árduo significado no contexto educacional.

Não é nenhuma novidade que o sistema sociopolítico origina e demarca papéis no ensino que configuram grande parte do sistema educacional. Estas configurações que definem o significado atribuído à atividade de ensino do profissional docente juntamente às funções e competências

imputadas ao exercício de suas atividades, ou das determinações políticas que se esperam do profissional docente, conforme aqui já assinalado como o papel que lhe é "designado", implicam uma posição de professor institucionalmente ajustada e inflexível.

O ato de ensinar não deveria ser uma prática atrelada apenas à critérios didáticos e instrucionais enquadrados na ordem instituída para ser desempenhada por todos, visto seu caráter multidimensional, a práxis do professor, pelas razões já descritas, não fica totalmente explícita.

Para pensar sobre a qualidade educacional é necessário reconhecer as dimensões do processo educativo para além das estratégias de ensino, tentando primeiro captar as posições identitárias dos professores e a maneira pela qual várias de suas potencialidades podem ser contrárias a determinadas políticas e seus gestores. No entanto, pode ser adotado como um indicador bastante interessante a promoção de práticas políticas que permitam aos professores recuperar sua capacidade de gerar processos e não apenas serem liderados.

Há, por conseguinte, uma urgência em se buscar uma democratização maior nesta nova sociedade que tenha um caráter bem mais amplo e coletivo e que não aprisione o docente em suas próprias contradições, pois, como ser humano ele também traz consigo suas próprias contradições e seus conflitos frutos de uma ordem neoliberal.

“A escola neoliberal tem como alicerce a eficiência, o desempenho, a rentabilidade. E, portanto, cada indivíduo deve se ver, rapidamente e desde cedo, como um empreendedor, um gestor de si mesmo, portanto, que cada um se considere um “capital”. A partir daí, temos uma matriz antropológica se quiser, que permite visar uma mudança muito mais global, muito mais geral da sociedade. Os neoliberais têm uma reflexão estratégica sobre a forma de mudar a sociedade e o homem. Na verdade, as políticas neoliberais são políticas que visam oficialmente tornar a escola mais eficiente, melhorar o seu desempenho, porque esse é o ideal – ou a “ideologia” de fundo, digamos assim – do neoliberalismo. Mas, além disso, o neoliberalismo acredita que é capaz de realizar melhor do que outras soluções um objetivo progressista antigo: a igualdade. Como? Fazendo com que cada indivíduo possa levar as suas capacidades o mais longe possível. Por quê? Como? Simplesmente estimulando a competição, a concorrência entre os alunos, através de testes e avaliações sistemáticas, mas também fazendo os professores, as escolas competirem entre si.” (Laval, 2019).

Diante do exposto faz-se necessário ressaltar que somente a práxis docente atua com a dialética, o pensamento e a ação, fundamental para que a existência humana elabore sua realidade e mediante essa elaboração seja capaz de intervir na realidade e assim possa construir a si mesmo. Sendo assim, segundo Freire (1996), os homens são seres da práxis, uma vez que, emergindo do mundo, objetivam-no para conhecê-lo por meio da reflexão e ação, teoria e prática, incidindo dialeticamente por meio do trabalho sobre as estruturas a serem transformadas.

Deriva-se deste entendimento que a práxis está relacionada com a categoria marxista “mediação”, pois esta “implica uma conexão dialética de tudo o que existe, uma busca de aspectos afins, manifestos no processo em curso” segundo Cury (1985). É uma categoria que está ao mesmo tempo vinculada com o real e com o pensamento, de modo que “a mediação não existe em si própria, senão em sua relação

com a teoria e a prática” (idem). Além disso, ainda de acordo com Cury (1985), “as mediações abrem espaço para que as teorias se concretizem, tornando-se guias das ações”. Como consequência, se entende que uma educação/formação se torna mediadora de uma ação transformadora na práxis e essa compreensão de unidade entre teoria e prática se faz imprescindível.

Registra-se o quanto é visível o descompasso existente entre as mudanças ocorridas na sociedade e a perpetuação de velhas práticas de escolarização presentes até a atualidade, pois incertezas de todas as ordens permeiam a esfera educacional. Ao se levantar tal questionamento não se pode negar a urgência em se criar ambientes escolares que estejam no compasso das transformações sociais aceleradas e constantes nesta nova sociedade.

A (DE)FORMAÇÃO DOCENTE

Tem-se um juízo comum de que a formação docente, devido ao seu caráter intrincado, não deve se restringir apenas a uma instituição, contexto ou recorte de tempo, acontecendo de acordo com Lima e Reali (2010) “em vários contextos e instituições e ao longo de toda a experiência escolar e não escolar dos futuros professores”. Tal situação se encontra fundamentada na concepção de que a aprendizagem profissional da docência se institui como, segundo Lima e Reali (2010) “um processo complexo, contínuo, marcado por oscilações e descontinuidades e não por uma série de acontecimentos lineares”.

Mesmo sendo tão discutida a formação docente, sabe-se que ela ainda se revela como uma mescla de atitudes e ações reprodutivistas. Cabe perfeitamente aqui a declaração de Darcy Ribeiro em 1977, numa palestra no Congresso da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) que ele intitulou de “Sobre o óbvio”, a frase: “A Crise da Educação no Brasil não é uma Crise, é um Projeto”.

Darcy Ribeiro defendia a escola integral, democrática e humana constatando as dificuldades em unificar os setores populares na agenda pública aos benefícios sociais. Darcy Ribeiro, corroborando com as ideias de Anísio Teixeira, defendeu veementemente a escola pública de tempo integral com a confiança de afugentar a herança cultural elitista e ampliar o alcance do bem-estar a um número mais expressivo de indivíduos.

Convém assinalar que lamentavelmente o cenário educacional vem se mantendo ao longo de todo esse recorte temporal, pois apesar da ocorrência de alterações nos sistemas de governo, pessoas, políticos, economia, entre outros, a cultura educacional se manteve de certo modo invariável.

“Certa cultura política e educacional calcada no uso do Estado, da Nação e de todos os seus dispositivos para perpetuação de um *Modus Operandi* voltada para o *ego individualista*, onde poucos se beneficiam com as mazelas da maioria, onde se deveria existir ações e pensamentos voltados para o bem-estar de todos (...) e então fica a pergunta de por que aqueles que detêm o poder não fazem as mudanças preconizando e dando prioridade a estas questões? Oras, pelo mesmo motivo que muitos tentam fraudar a bolsa de valores, enganar o árbitro em alguma competição esportiva, praticar bullying, e por aí vai; a resposta final é o ganho individual em detrimento do interesse coletivo. É nisto que reside a realidade concreta do Brasil, uma população à mercê de ilusões criadas por uma política que mesmo mudando suas jogadas e

modelo, consegue perpetuar processos e atingir os mesmíssimos resultados, não importando se a partida e o sistema forem diferentes. O resultado sempre será o mesmo, ludibriando e dando a falsa ilusão daqueles que estão envolvidos no jogo, que podem conseguir uma vitória quando uma nova partida se inicia.” (Lima, 2017).

Contudo, uma interessante análise da educação de forma racional é quando se traça uma analogia da escola enquanto um dos aparelhos ideológicos do Estado, reprodutora de desigualdades sociais numa sociedade que está em constante crise decorrente de um sistema capitalista. A questão central se fundamenta nas desigualdades que geram crises que são diretamente relacionadas à estratificação social existente no contexto vigente.

Valente (1999) ressalta que a educação é um serviço e, como tal, sofre as influências e se adapta às concepções paradigmáticas, vigentes na sociedade nos diferentes momentos históricos.

É neste contexto que se problematiza a tão sonhada necessidade de redefinição do papel da educação como redentora de todos os problemas vivenciados na sociedade e também como unificadora das desigualdades sociais, e é aqui que surge um paradoxo, pois estas desigualdades são produzidas pelo próprio tipo de organização social no qual homens são explorados pelos próprios homens.

Diante da complexidade desta situação se acresce também a análise de um valor arraigado que diz respeito à meritocracia no espaço educacional. A repercussão disso na escola pode ser terrível, e colabora para a perpetuação das desigualdades. Por outro lado, ao invés de recusar estas evidências, estudiosos na área têm trabalhado em recomendação de estratégias para uma escola mais justa, como a adoção de outros critérios que não o apenas o meritocráticos.

Não se pode fazer, no momento atual, o uso de um discurso de meritocracia que justifica e reproduz as desigualdades diminuindo, na maioria das vezes, aqueles com posições sociais menos valorizadas fazendo vista grossa às desigualdades estruturais. Em contra partida, abandonar completamente o mérito levaria de volta a uma sociedade com a determinação total do nascimento, da posição social original dos indivíduos que não dá conta da resolução dos embates no cenário escolar.

“Os efeitos da meritocracia, quando aplicada aos professores ou as escolas, são mais questionáveis ainda. Primeiro, porque penalizam exatamente os melhores professores por considerarem que sua motivação para trabalhar se restringe ao desejo de ganhar mais dinheiro, quando, na verdade, sem descartar este motivador, o que mais move o professor é o próprio desenvolvimento do aluno. Segundo, porque expõem todos os professores a sanções ou aprovações públicas, desmoralizando a categoria. Terceiro, porque são aplicados métodos inconsistentes não só ao longo do tempo, como sob várias opções de modelos de análise. E, finalmente, porque os estudos mostram que a meritocracia não tem maiores impactos na melhoria do desempenho dos alunos e acarreta graves consequências para a educação.” (Freitas, 2012).

A qualidade da formação dos professores não depende tanto do modelo institucional onde estudaram, mas da qualidade dos fatores que configuram as oportunidades na sua formação, tais como: os apoios didáticos que lhe foram ofertados, recursos como boas bibliotecas, a presença de uma boa

articulação entre teoria e práticas de ensino, oportunidades de aprendizagem através de vivências extracurriculares e a eterna e pessoal vontade / capacidade de se reinventar para dar conta de sua práxis.

Quando Caldas (2007) se reporta as competências para o trabalho docente na atualidade este afirma que:

“[...] o professor atual deve saber colocar as suas competências em ação em qualquer situação”, “refletir em ação”, “adaptar-se, dominando qualquer situação”, “ser admirado, por sua eficácia, experiência, sua capacidade de resposta e ajuste a cada demanda, ao contexto ou a problemas complexos e variados, bem como por sua capacidade de relatar os seus conhecimentos, seu *savoir-faire*, e seus atos, justificando-os”, e, ainda, “saber jogar com as regras e manter uma relação com os conhecimentos teóricos que não seja reverente e dependente, mas, ao contrário, crítica, pragmática e oportunista, em resumo, que este profissional seja autônomo e responsável” (Caldas, 2007).

Diante de todos os desafios colocados no ato de ensinar fica o questionamento sobre a adequada formação docente em um cenário permeado de incoerências, pois:

“As responsabilidades que hoje são atribuídas ao professor ultrapassam o âmbito pedagógico, indo além do ensinar. Ele enfrenta questões político-sociais, tendo que se envolver em questões familiares, lidar com a drogadição, a violência e outros problemas que permeiam o espaço escolar. Deixa assim de ser um profissional cujo objetivo é ensinar, esvaziando-se de sua real função e perdendo-se em meio a situações que ultrapassam suas possibilidades de atuação. As próprias políticas educacionais apostam no protagonismo individual do professor, para solucionar os problemas escolares.” (Caldas 2007).

Ao se considerar todo esse quadro deriva-se que não existe um engajamento e a devida preparação e capacitação dos professores para domínio de um processo ensino-aprendizagem permeado de habilidades e competências tão diversificadas, ancoradas em uma proposta inovadora permeada de incertezas de todas as ordens sem a oferta de um embasamento que na realidade, para ser efetivo, transcenderia ao ato precípua de educar para uma sociedade em permanente transformação.

“É, portanto, um desafio oferecer subsídios a uma formação de professores possibilitadora de experiências formativas que ofereçam condições aos docentes de construir suas concepções alicerçadas em princípios e valores pautados na ética, na humanização dos sujeitos, no diálogo, na participação política, na ideia de inacabamento, no respeito, na humildade, na autonomia do pensamento, para que lutem por sua emancipação.” (Freire, 2005).

Esta realidade ainda encontra-se muito distante do cotidiano escolar pois não existe vontade política para esta transformação que não é apenas ideológica. Este ideário se aproxima a uma perversidade porque perpetua a luta de classes em um local que deveria ser privilegiado para uma construção coletiva voltada para minimização das desigualdades presentes neste contexto, que levam aos seres humanos a acreditarem que a aquisição do conhecimento por si só se constitui na única via de aperfeiçoamento humano.

Ao construir condições de luta, os educadores, para que haja uma emancipação transformadora, devem desenvolver uma práxis que seja amparada em uma concepção de educação crítico-emancipadora, ou seja, possibilitadora de novas relações, novas formas de pensar o homem, a escola, a sociedade e o mundo.

É através das relações sociais que a educação se articula com o todo social e coopera enquanto mediação na sua (re)produção, elaborando e difundindo a luta entre diferentes concepções de mundo. Então, é também um desafio da academia enquanto “lócus” formador de profissionais da educação contribuir para a construção dessa nova forma de pensar e agir na formação de professores, para sair do plano meramente teórico e constituir-se em mediação na construção de novas relações sociais. É na prática que os homens se humanizam concretamente e a formação docente está submetida a essa lógica.

Cabe então aqui ratificar o papel central de políticas públicas educacionais mais efetivas voltadas para a formação, a atenção e a colaboração necessárias ao ato educativo. Quanto à sociedade, espera-se o reconhecimento profissional tão merecido a estes que tentam transcender ao mero ato de transmitir conhecimentos.

Novas estruturas e modelos educacionais plurais de participação se fazem necessários para afirmar a representatividade e o protagonismo de todos - professores, diretores, setor administrativo e famílias - dando espaço de discussão, reflexão, e de tomada de decisão. Isto implicaria, por lei, canais eficazes para compartilhar a informação necessária para assumir consensos entre todos os setores aqui mencionados.

Com relação ao desafio de educar se faz necessário desenvolver a capacidade de construir uma identidade complexa, que tenha contida em si o pertencimento em múltiplos contextos e perspectivas: local, nacional e internacional, política, religiosa, artística, econômica, familiar, dentre outras.

Em termos educacionais, o desenvolvimento desse sentimento plural de pertencimento, que combina adesão e solidariedade local com abertura às diferenças, implica introduzir massivamente nas instituições escolares a possibilidade de realizar experiências que fortaleçam esse tipo de treinamento. A esse respeito, é evidente a ausência significativa de experiências democráticas e pluralistas na sociedade e como consequência na escola, apesar de já haver muitos avanços.

Consequentemente o desafio para os educadores consiste em definir os desenhos institucionais mais adequados e em elaborar as ferramentas técnicas e metodológicas mais eficazes para que seus objetivos superem a fase puramente retórica e se tornem objetivos concretos de aprendizagem.

A concepção de redes de aprendizagem é uma maneira fértil de estimular conexões entre instituições escolares que vão além do formalismo tradicional que permitem trocas reais, tanto local, como nacional e internacionalmente.

“As redes de aprendizado são ambientes de aprendizado on-line que ajudam os participantes a desenvolver suas habilidades através da colaboração e compartilhamento de informações. Nesse sentido, as redes de aprendizagem são projetadas para tentar enriquecer a experiência de aprendizagem em contextos de educação não formal (educação profissional) e, com leves adaptações, também são úteis no contexto da educação formal, escolas ou universidades (...). As redes de aprendizado são uma maneira promissora de inovar na educação formal e não formal, e também são um terreno fértil para as pesquisas mais empolgantes.” (Sloep; Berlanga, 2011).

A formação de docentes baseada em redes virtuais de aprendizagem manifesta-se e desenvolve-se com base em dois fundamentos: A construção social da aprendizagem on-line e a formação de professores nas escolas através da criação de redes de aprendizagem. Esse modelo é baseado na criação de comunidades de aprendizado colaborativo como base para a formação permanente de professores.

As redes virtuais de ensino e formação on-line fornecem estruturas nas quais os professores, por meio de sua participação, envolvimento e sua contribuição entre si constroem coletivamente conhecimento sobre o programa escolar Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs).

Faz-se necessário evidenciar que as TICs baseiam-se na ideia de que a aprendizagem é um processo inerentemente social, com base na interação e cooperação entre as pessoas e que, em grande parte, envolve a participação de outras pessoas em situações reais onde o conhecimento é posto em jogo e deve ser usado de forma funcional e autêntica. As práticas de aprendizado e formação podem assumir diferentes formatos no preparo de projetos, análise de casos, resolução de problemas ou apresentação de produtos que serão apresentados publicamente.

Na maior parte dos casos, os problemas apontados mostram que, sob o argumento do esgotamento de um regime de acumulação – bem-estar social-, houve mudanças nas relações entre Estado e Sociedade que implicaram na falência de modelos econômicos e políticos e uma profunda crise de atores políticos e sociais estendendo-se à educação e se reportando a toda problemática aqui discutida que está relacionada às ambiguidades presentes na praxis educacional.

A partir dos desafios descritos, o caráter central da educação e da produção de conhecimento é fortemente evidenciado. As políticas de equidade e desempenho atuais ainda são apresentadas como critérios; integração nacional e descentralização, formação de recursos humanos; relação educação-produção; pesquisa educacional; relação pesquisa-conhecimento; melhoria de qualidade; inovações no ensino e a avaliação permanente.

As diretrizes para o Ensino foram e ainda são explicadas em um conjunto normativo que resultam na deterioração da qualidade, baixo desempenho interno, pouca equidade no acesso e permanência, alocação inadequada de recursos, pouco desenvolvimento de fontes próprias de financiamento e falta de articulação com setor produtivo.

Faz-se imperativa a discussão relativa ao regime de trabalho docente já que este se constitui em um dos eixos perversos dessa política neoliberal, pois são feitas tentativas de tornar o trabalho docente mais flexível e as diferenças de renda são introduzidas com base na produtividade por meio do programa de incentivo ao trabalho de professores que exige e recompensa a produção individual.

A grande transformação criada pelo sistema de treinamento vem da modernização do treinamento “desvalorizado”, atualizando os corpos de conhecimento para instalar a necessidade de formação continuada de professores como um defensor das melhorias essenciais no sistema.

Essas políticas implicam em uma mudança regressiva em termos do processo de democratização das instituições e da formação de professores e do que foi analisado até agora, nesta jornada histórica, há mais evidências de uma lógica extensa do que de contradições ou grandes mudanças.

Sobre os obstáculos que existem ante a necessidade de inovações na praxis dos professores e sua identidade enquanto profissional pode-se observar que: o professor é um trabalhador que vive do seu e para o seu trabalho que se vincula às relações de produção transformando em mera mercadoria onde acaba sendo explorado e alienado e, mesmo reconhecendo a trama em que está envolvido, não se identifica como protagonista de sua praxis profissional, própria de uma lógica de sociedade capitalista onde existe uma clara estratificação social na qual precisa ocorrer a manutenção de uma estrutura social que abandona a todos ratificando o poder Estatal.

Diante das inquietações apresentadas e discutidas, espera-se promover novas reflexões, que sejam cada vez mais aprofundadas e que ofereçam subsídios consistentes na reconfiguração da identidade profissional docente e seu papel político pedagógico frente aos desafios gerados na Sociedade do Conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Caldas AR (2007). *Desistência e resistência no trabalho docente: um estudo das professoras e professores do ensino fundamental da Rede Municipal de Educação de Curitiba*. UFPR. Curitiba. (Tese de Doutorado).
- Cury CRJ (1985). *Educação e Contradição elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo*. 2 ed. Editora: Cortez, São Paulo. 43 e 44p.
- Freire P (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 22 ed. Editora: Paz e Terra, São Paulo.
- Freire P (2005). *Pedagogia do Oprimido*. 42 ed. Editora: Paz e Terra, Rio de Janeiro.
- Freitas LC (2012). Os reformadores empresariais da educação: da desmoralização do magistério à destruição do sistema público de educação. *Educação & Sociedade*, 119(33): 379-404.
- Laval C (2019). O ataque estratégico do neoliberalismo à educação. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2019/09/30/o-ataque-estrategico-do-neoliberalismo-a-educacao/?fbclid=IwAR0-1x9GYNM01RavIhfdZVfKZanYSNf6ijP8DQ8EcPrS4LGZC4oWxPWSa8Y>. Acesso em: dezembro de 2019
- Lima G (2017). Deseducar para controlar: a ignorantização como projeto de poder. Disponível em <https://pensadoranonimo.com.br/deseducar-para-controlar-a-ignorantizacao-como-projeto-de-poder/>. Acesso em agosto de 2019

- Lima SM, Reali AMMR (2010). O papel da formação básica na aprendizagem profissional da docência (aprende-se a ensinar no curso de formação básica?). In: Reali, AMMR, Mizukami, MGN (Eds.). *Formação de professores, práticas pedagógicas e escola*. 1 ed. Editora: EdUFSCar, São Carlos. 219 e 221p.
- Pimenta SG, Lima MSL (2012). *Estágio e docência*. 7 ed. Editora: Cortez, São Paulo. 88p.
- Ribeiro D (2018). *Educação como prioridade*. Mauricio LV (org). 1 ed. Editora: Global, São Paulo.
- Sloep P, Berlanga A (2011). Redes de aprendizagem, aprendizagem em rede. *Comunicar*, 37 (19): 55-64.
- Valente JA (1999). *O computador na sociedade do conhecimento*. 1 ed. Editora: UNICAMP/NIED, Campinas, SP. s/p.

ÍNDICE REMISSIVO

D

desenvolvimento profissional, 27
docente, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 18, 19,
20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31,
32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 56,
57, 58, 59, 61, 67, 68, 69, 70, 72, 74, 75, 76,
84, 86, 92, 94, 95, 96, 97, 108

E

Educação Física, 5, 28, 30, 38, 42, 44, 45, 47,
49, 53, 54
ensino, 5, 6, 9, 10, 13, 15, 16, 20, 22, 23, 25, 26,
27, 29, 31, 32, 35, 36, 37, 39, 41, 42, 45, 46,
47, 49, 50, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 62,
65, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 81, 82,
83, 84, 85, 86, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97,
98, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 108, 109,
110, 111
evasão universitária, 57, 58, 67
experimentação, 50, 71, 75

F

formação, 5, 6, 8, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18,
19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31,
33, 34, 35, 39, 41, 42, 43, 46, 51, 56, 57, 58,
60, 61, 63, 67, 70, 83, 84, 85, 86, 89, 90, 91,
92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 109, 110, 111
inicial, 19, 86
permanente, 15, 25

G

Ginástica, 5, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52,
53, 54, 55
Google Tour Creator, 6, 71, 75, 76, 77, 78

I

identidade, 29

L

laboratório virtual, 6, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78,
81
licenciaturas, 6, 56, 59, 60, 61, 65, 67, 68, 69

M

magistério, 16, 25, 29

P

pedagógico, 5, 8, 13, 16, 25, 28, 63, 83, 105,
106
professor, 6, 9, 10, 12, 13, 16, 18, 19, 20, 21,
22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 35,
36, 37, 39, 40, 41, 42, 46, 57, 61, 62, 63, 64,
67, 68, 70, 72, 75, 86, 92, 94, 97, 98, 99, 100,
105, 106, 107, 108, 109, 110, 111
profissão, 5, 19, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30,
31, 32, 33, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 57, 58, 63,
64, 67, 68
profissionais da educação, 14, 61

Q

química, 6, 26, 56, 59, 60, 66, 69, 71, 72, 73, 75,
76, 80, 82

R

resolução de problemas, 72, 73
ressignificação, 5, 44, 49

S

sala de aula invertida, 72, 73, 74
sociedade, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18,
22, 23, 25, 26, 41, 57, 58, 61, 63, 64, 72, 83,
84, 90, 91, 92, 95, 98, 100, 101, 103, 104, 110

U

unidade didática, 5, 44



Adriana Flávia Neu

Graduada em Educação Física - Licenciatura (UFSM). Mestra em Educação (UFSM). Especialista em Gestão Educacional (UFSM). Professora de Educação Física em Faxinal do Soturno/RS e Tupanciretã/RS.



Lidiene J. de Souza Costa Marchesan

Graduada em Psicologia Centro Universitário Franciscano UNIFRA. Mestra em Educação (UFSM), Especialista em Gestão Educacional (UFSM) e em Gestão de Organização Pública em Saúde (UFSM). Psicóloga clínica em consultório particular (Santa Maria –RS).



Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br